

Fora de si: quando a morte é o fim de uma migração fracassada

Outside you: when death is the end of a fail migration

Clélia Gomes dos Santos

Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens na
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Ricardo Martins Valle

Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo
(USP) e Professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
(UESB).

Resumo: A literatura de Antônio Torres traz, por meio da ficção, a transitoriedade da vida, um tema “universal” na tradição do Ocidente europeu, e aponta para a morte a partir de elementos indiretos e insinuando sua presença em diferentes situações narrativas. A morte povoa todas as tradições literárias e, dentre outros elementos, será discutida neste artigo sob diferentes aspectos; sendo por suicídio o debate torna-se ainda mais complexo, já que há de se considerar as condições e contextos que levam o sujeito a esse extremo. Nessa perspectiva,

Abstract: Antônio Torres’s literature brings, through fiction, a transience of life, a “universal” theme in Western European tradition, and points to death from indirect elements and insinuates its presence in different narrative situations. Death populates all literary traditions and, among other elements, will be discussed in this article in different ways; Being by suicide or debate becomes even more complex, as there are considerations such as conditions and contexts that lead the subject to this extreme. From this perspective, we investigate a

investigamos a representação do suicídio na novela contemporânea *Essa Terra*, de Antônio Torres, que conta a história de Nelo, sua partida do Junco para São Paulo, na expectativa de uma vida melhor, e o seu retorno, vinte anos depois, sem alcançar os luminosos objetivos menos traçados do que vislumbrados para sua estada na “terra prometida”. Frustrado com o retorno inglório, Nelo suicida-se pouco depois de retornar para sua terra natal. Nossa hipótese é a de que sujeitos condições de desterro, submetidos às pressões materiais e simbólicas da migração, sujeitam-se a situações extremas e o sentimento de inadequação resultante naquele que a vida transformou em um *estrangeiro em toda parte* torna a fuga o sistema da vida. Valemo-nos dos estudos de BHABHA (2005), BAUMAN (2005), HALL (2006) e DELEUZE; GUATTARI (1997).

Palavras-chave: Literatura; Migração; Antônio Torres; Suicídio.

representation of suicide in the contemporary soap opera *Essa Terra*, from Monte Torres, which contains a story of Nelo, his departure from Junco de São Paulo, an expectation of a better life, and his return, twenty years later, without reaching the brighter goals less glimpsed for their city in the “promised land”. Frustrated by the English return, Nelo commits suicide shortly after returning to his homeland. Our hypothesis is to determine which conditions of destruction, to use the pressures and symbolic symbols of the application, to subject oneself to extreme situations and the feeling of inadequacy, affect the life transformed into a foreigner partly caused by an escape or life system. Values of the studies by BHABHA (2005), BAUMAN (2005), HALL (2006) and DELEUZE; GUATTARI (1997).

Keywords: Literature; Migration; Antonio Torres; Suicide.

Introdução

Trajetórias marcadas por deslocamentos, desterros e interferências psicossociais na vida do sujeito tornou-se uma discussão frequente na literatura, assim como a representação da migração nordestina, muito explorada principalmente no século XX pela literatura brasileira. Povoada pela temática que envolve as mobilidades forçadas, a ficção tem apontado para questões como desenraizamento, problemática da identidade, diáspora do retirante, dentre outros. Assim é notório também o drama dos que ficam, a insatisfação e repulsa daqueles que tentam resistir às “arribadas” e sofrem as consequências de sua permanência, sem que isso lhes traga qualquer garantia de pertencimento. A exemplo de personagens de José Lins do Rego, no romance *Fogo Morto* (1998), que não se adequam ao desenvolvimento e aos novos modos de produção e da personagem Macabéa inconsciente de sua própria existência em *A hora da estrela* (1995), de Clarice Lispector. Nessa tradição, digamos assim, da moderna literatura brasileira, temos o romance *Essa terra*, do escritor baiano Antônio Torres, o qual apresenta como temática central a migração nordestina e seus efeitos, colocando em evidência a complexidade dos processos psíquicos, culturais e

sociais que vão além das demarcações geográficas.

O romance de Torres focaliza as desventuras da migração do homem nordestino para a capital paulista, onde vive e experimenta toda espécie de solidão, desamparo e desprestígio. Retorna ao lugar de origem, numa tentativa de reencontro e recuperação do amparo que a terra natal deveria oferecer, uma vez que se trata do lugar de reconhecimento mais estável e seguro na trajetória do sujeito.

Na obra *Essa Terra*, conhecemos, por meio da narração de Totonhim, a história de Nelo, que ainda jovem decide ir tentar a vida na capital paulista. A princípio Nelo demonstra ascensão, já que consegue enviar algumas quantias para ajudar a família no interior da Bahia. Porém, na capital, vive as mais diversificadas formas de desventuras e inglorias, a julgar pelo desemprego, o abandono da família, a surra da polícia, a embriaguez, entre outros desvios das searas do sucesso. Assim, em vez da ascensão e do sucesso esperado na cidade grande, retorna ao Junco, carregando na bagagem a frustração e o vazio de si e acaba por dar fim à própria vida, suicidando-se no armador de rede da sala da antiga casa da família.

Para Moura (1999), a migração constitui um processo seletivo e diferenciado, interligado com as transformações sociais e estruturais da sociedade de origem e receptora, na qual os sujeitos envolvidos apresentam características distintas e reação de forma diferenciada às condições positivas e negativas presentes tanto no ambiente de origem, quanto no de destino. O retorno de Nelo, – relato conduzido por Totonhim, irmão caçula a quem o irmão mais velho, recém-chegado da metrópole não conhecia pessoalmente – busca mostrar os dramas vivenciados pelos personagens na narrativa.

Cresce logo menino pra tu ir pra São Paulo¹

Nelo descobriu que queria ir embora do Junco cedo, tinha apenas 17 anos (TORRES, 2018: 18). Se encantou ao ver homens da cidade chegar de jipe àquele lugarejo “nos confins do mundo”. Passou “Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários – a fala de quem, com toda certeza, dava muita sorte com as mulheres” (TORRES, 2018: 18). Assim como outros jovens da idade de Nelo, muitos nordestinos aspiravam com a vida na cidade grande, com as informações, muitas vezes deturpadas de que era possível mudar/melhorar a vida indo para as capitais. Vislumbrados, principalmente com a fama de ganhar dinheiro e ficarem ricos, muitos saíam de suas origens sem qualquer tipo de planejamento à procura dessas melhorias que a cidade em tese oferecia. O trecho acima mostra que com

¹ (TORRES, 2018: 63).

Nelo isso não foi diferente.

São Paulo lhe traria dinheiro e sorte com as mulheres, além de o livrar do trabalho pesado na roça junto com seu pai “caboco lenhudo, apesar dos cabelos brancos” (TORRES, 2018: 71). Em São Paulo, não teria de passar o resto da vida no atraso do lugar onde cresceria “para baixo, que nem rabo de besta” (TORRES, 2018: 16-17). Assim, o que afugentava os indivíduos do Junco não era estritamente a falta de chuva e o descrédito na lavoura, mas a baixa produtividade da região sem desenvolvimento, convivendo com pessoas ignorantes, sem perspectivas de crescimento e civilidade. A partida de Nelo propõe pensar a relação dele com o lugar de origem, o que, segundo as reflexões de Bauman, tem relação com os conceitos de pertencimento e identidade:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005: 17)

A citação revela a tomada de consciência que o autor experimenta e denuncia em função da crise de “identidade” ao sentir-se um “deslocado” na era “líquido-moderna”² na qual os sujeitos estão inseridos. Nelo, sujeito da ficção não só faz parte desse tempo como vive as consequências dele.

Por outro lado, a partida e estadia de Nelo na capital paulista representava para os familiares e para a gente do Junco a concretização de um sonho e a possibilidade de transformação enquanto pessoa. Era visto como privilegiado e rapaz de “sorte” pelos moradores da pequena e pacata Junco. A mãe por sua vez, completamente seduzida pela civilização, alimentava grandes ilusões em relação à vida do filho em São Paulo e chegava a desprezar os outros por não terem a mesma trajetória, como é o caso do trecho: “- Tomara eu tivesse mais um filho igual a ele. Bastava um. Nelo. Nelo. Nelo” (TORRES, 2018: 20). Esse mesmo ambiente que depositara confiança no progresso de Nelo e que projetara nele objetivos de vida não alcançado, inclusive o de migrar, viria mais tarde cobrar dele uma resposta na qual fracassar jamais seria alternativa ou possibilidade para aquela gente. A repetição da ação “Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Cresce logo menino pra você ir para São

² Para Bauman, a modernidade imediata é “líquida” e “veloz”, mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida seria um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível”. (BAUMAN, 2001: 8-9)

Paulo” (TORRES, 2018: 63) em diferentes circunstâncias na obra *Essa Terra* verbaliza o sentimento da mãe que, mais que individual, representa a ilusão de um povo em partir para provar que a “nossa” terra – o interior do Nordeste – “podia gerar grandes homens” (Torres, 2018: 11). Em Hall, “a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades [...] podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003: 28).

Nelo é uma personagem sem voz propriamente dita, ele é visto e contado sempre pelo universo de Totonhim, acaba sendo desenhado sob o olhar do outro. Dois irmãos separados pelo tempo e pela distância que o fio narrativo se encarrega de manter sempre juntos. A existência de Nelo na trilogia está subordinada às híbridas narrações de Totonhim, que ora o anuncia do seu ponto de vista, ora reporta a este apenas por meio de recordações. Nelo é personagem central que não fala. O silêncio de Nelo, sempre contado pelo irmão, denuncia o quanto o sujeito já é um fracassado e o mutismo é dramatizado por Torres no romance. Esse misto no modo de narrar dá a Nelo vez e voz em apenas dois momentos no *Essa Terra*: ao apanhar da polícia enquanto estava bêbado e ao ser traído pela mulher. Observa-se, no entanto, que em ambos os momentos narrados por Totonhim, Nelo continua silenciado, apesar da narrativa ser feita a partir do seu ponto de vista:

Não, não, não.

Mijo: cerveja. Sonho: alívio.

Eles se aliviam sobre mim, me refrescam. Não podem bater e mijar.

Papai, tomara que tudo melhore, eu penso nisso o tempo todo, tomara que tudo melhore.

Nossos pastos já foram verdes, eu sei. Já não temos mais pastos.

Preciso mandar um dinheiro para o senhor comprar de novo a roça e a casa que o senhor vendeu, tomara que tudo melhore.

Faço fé na loteria, toda semana. Jogo, perco, jogo, perco, nunca acerto.

Trabalho duro, tento me regenerar, até parei de roubar, digo, parei de beber.

Mijo: água. Sonho: calma (TORRES, 2018: 61).

O trecho é o retrato de um sujeito fragmentado, que já se encontra fracassado e com o peso e a vergonha da derrota. A consciência confusa o leva às suas origens, as lembranças do Junco, mais especificamente a relação com a terra aflora seus pensamentos e estes se misturam com os fatos presentes. Essa conflituosa relação do personagem com o espaço circunscreve a interferência dos lugares no trato identitário e ao mesmo tempo aponta para um outro elemento cultural, o sujeito no entre-lugar. Para Bhabha, o sujeito do “entre-lugar” realinha as fronteiras de espaço

e tempo, habita “um espaço intermediário” (BHABHA, 1998: 27). A interpretação dessa concepção de sujeito, que não visa à solução em um futuro utópico e apresenta-se como híbrida, ao dialogar com o passado, transforma-o em recurso explorado na narrativa literária, como é o caso de Nelo ao misturar presente com fluxos de memórias. O local da cena com os policiais, à margem do Rio Tietê, reforça o estado de não-pertencimento, o entre-lugar daquele que deixa de fazer parte da cultura de origem e não se insere na cultura do lugar para onde migra. Silviano Santiago discute o entre-lugar como uma estratégia de resistência que incorpora o global e o local, que busca adesão além dos limites geográficos de uma nação, relativizando fatos, caracteres, manifestações sempre no sentido de melhor refletir o nosso hibridismo (SANTIAGO, 1982: 19), fruto de quebras de fronteiras culturais. O sujeito que está no entre-lugar ou à margem de um espaço está também num lugar de mudanças, de trocas e instabilidades, contestador e movediço.

O sonho de prosperidade na capital virou para Nelo um pesadelo, dívidas no jogo, bebedeiras, surra da polícia, ser confundido com ladrão e a perda da mulher e dos filhos para um conterrâneo que, ao contrário dele se identificou e criou raízes na metrópole paulistana, já anunciava o processo de morte, que iniciava com o insucesso nos projetos de vida. A narrativa do ponto de vista de Nelo ilustra parte desse sentimento em Torres (2018: 57): “- Roubaram um comerciante e este ônibus está roubando a minha mulher e os meus dois filhos. Forcei as canelas, avancei mais uns metros, mas já não adiantava. O ônibus partiu. [...] uma imensa dor no coração”. A perda da mulher e dos filhos representou à personagem uma derrota em dose dupla, já que aquela o deixara para ir morar com um sujeito que também migrara do Junco para São Paulo – Zé do Pistom que trabalhara como músico, cobrador de ônibus e depois virou policial, sinal de que diferentemente dele, havia prosperado e fincado raízes na cidade grande. O fato de ter sido abandonado pela esposa doera doía, mas em saber que havia sido trocado por um velho conhecido de infância o deixava profundamente “sem chão”, fato visível na fala “Zé está me matando. Eles estão me matando” (TORRES, 2018: 62).

Essa emblemática personagem central que não fala, muito diz na visão de Totonhim. Para Rosenfeld (2018: 31-32) no romance a personagem pode permanecer calada, uma vez que as palavras ou imagens do narrador “se encarregam de comunicar-nos os seus pensamentos, ou, simplesmente, os seus afazeres, o seu passeio solitário etc.”. A narração de Totonhim na quarta seção do fragmento intitulado “Essa terra me enlouquece”, do romance *Essa Terra*, vai ao encontro dos estudos de Rosenfeld e, ao mesmo tempo revela como Nelo encontra-se perdido e totalmente desorientado, com “uma confusão de desejos, arrependimentos e medos” (TOR-

RES, 2018: 121). A mistura de sentimentos, estágios confusos entre passado e presente denunciam que Nelo já não tem mais controle da situação em que se encontra. Sentia medo da própria sombra, não se reconhecia no próprio vulto. Os fluxos de memória o levavam ao passado e o deixavam totalmente perdido em relação ao reconhecimento do lugar em que se encontrava, ou achava que estava. Junco e São Paulo, tão distantes e tão próximas nas alucinações de Nelo. “O fundo da casa dava para o capinzal negro de estranhos ruídos” (TORRES, 2018: 120). “Digam o que quiserem, mas uma cidade é outra coisa” (TORRES, 2018: 121).

Percebe-se nessa seção da narrativa que Nelo reconhece o seu fracasso e busca justificativas para a derrota prevista. Atribui responsabilidades pelo seu insucesso na capital ao fato de ter nascido no sertão, numa terra selvagem (Torres, 2018: 124) em que todas as pessoas que nasceram ali estavam condenadas desde o princípio. Nesse sentido, acreditar que o sol tira a sanidade e a chuva destrói o trabalho no campo, por exemplo são fatos que a personagem afirma ser atraso na vida do homem, nesse caso do nordestino. Nesse sentido, podemos ver a simbologia que o sol exerce na obra torresiana, o qual não é temido apenas para a plantação, mas também na crença de que, segundo o pai, quem andasse com a “cabeça no tempo” era desequilibrado, sem juízo, como se vê na passagem:

- Não ande com a cabeça no tempo. Bote o chapéu. Quem anda com a cabeça no tempo perde o juízo. Porque os chapéus foram inventados nos tempos de Deus Nosso Senhor, para cobrir a cabeça dos homens. E todo homem tem de usar o seu chapéu. (TORRES, 2018: 122)

Mais adiante a narrativa traz à baila outra vez o embate dos lugares:

- É por isso que não sei se volto ou se fico. Acho que agora tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar em que eu deixei em São Paulo. Deu para você entender Totonhim? Respondi direito à sua pergunta? (TORRES, 2018: 124)

Pela narração de Totonhim, a visão de Nelo não tem uma consciência definida de onde se encontra. Deixar o seu espaço é também tornar diferente e estranho para o outro que encontra e com quem se relaciona na terra para onde vai, uma vez que são outros costumes, crenças, valores, modos de vida. Resultam desse processo o desenraizamento e a frustração. O desenraizamento surge das rupturas culturais e sociais e a frustração vem da permanência da mesma situação inglória que motivou a migração. Assim, bater em retirada em busca de novas paisagens e cenários, que lhes acenavam para novas possibilidades de existência, o migrante passa por um

processo de limitação e empobrecimento pessoal, pois de um lado perde o vínculo com as origens e do outro vê-se deslocado, um estrangeiro em terras alheias.

Se, por um lado, para Nelo, São Paulo mostra suas adversidades e causa indignação, revolta e o apagamento de seus melhores sentimentos, por outro, aparece o Junco, embora de maneira distinta, com a mesma força, a terra seca, os homens e mulheres limitados, provocando a morte pela miséria e pela seca: dois espaços de desesperanças e falta de perspectivas “–Tudo em paz, graças ao Nosso Senhor. É só isso que sabemos dizer...” (TORRES, 2018: 106). A volta à cidade de Junco, já não tão mais acanhada como antes, é acompanhada pelo progresso, simbolizado pelas antenas parabólicas sobre os telhados e o jeito de falar das pessoas, o que causa estranhamento naquele que saiu há vinte anos “para tornar-se num homem belo e rico” (TORRES, 2018). Este homem agora parece viver no entre-lugar ainda deslocado da terra de origem e que a essa altura não tem mais a garantia se um dia nela esteve em condição de pertença. “Ah, amigo. Agora a coisa não é como naqueles velhos tempos, não. A coisa mudou sucessivamente, nas resoluções intempestivas da minha vida” (TORRES, 2018: 33).

Nelo vive um itinerário de desumanização marcado por rupturas psicológicas e sociais, decorrentes da perda da identidade fruto de um processo de desenraizamento, de perdas, de projetos malogrados, sonhos desfeitos e interrompidos dentre outros. Por outro lado, o peso da esperança frustrada, a resposta não dada ao povo do Junco, daquele que serviria de espelho aos conterrâneos que também sonhavam em partir, que seria exemplo de coragem, perspicácia e sucesso agora não suporta a angústia da própria derrota, do vazio no corpo e da bagagem, decide pela fuga da mais trágica e definitiva forma – a morte (TORRES, 2018: 13).

O lugar escolhido por Nelo para dar fim na própria vida diz muito acerca do seu estado. Depois de muitas paragens sem encontrar nelas abrigo ou reconhecimento, a personagem sente naquela velha casa onde todos os irmãos nasceram e tiveram seus umbigos enterrados no quintal do fundo, em especial na sala em que nos dias de missas era varrida e dava acesso aos quartos de camas com lençóis engomados para visitas, o conforto e o aconchego para tal feito, por mais trágico que fosse. Totonhim não compreende o fato de Nelo ter feito questão de ir ao Junco, ao invés de ficar em Feira de Santana onde, na época, reside a família e onde os ônibus param primeiramente. Essa não compreensão de Totonhim é verbalizada ao momento que este não aceita e/ou não se conforma com a atitude do irmão, presenciada por ele: “- Você veio aqui só para fazer isso comigo? Você tinha o Brasil inteiro para fazer isso e veio escolher logo esta sala?” (TORRES, 2018: 42).

Estar naquela sala e não em qualquer outro lugar destaca a função que a terra

em que nascera exerce sobre a personagem, uma espécie de apelo e cumprimento do filho ao voltar. Nelo, que já estava aniquilado, praticamente morto, leva a cabo a destruição final da vida não em São Paulo ou em qualquer outro lugar do País, mas exatamente na sala da casa que pertencera a seu avô materno sob a vigia do patriarca que parecia olhar fixamente por meio do retrato pendurado na parede. O sargento que pensava em acabar com Nelo, por ciúmes da mulher, mas é aconselhado: “- Não pense mais nisso, sargento. Você perdeu apenas a chance de matar um homem, que já chegou aqui morto, como se verá” (TORRES, 2018:55). Estar de volta ao Junco e ser enterrado ali faz parte do rito da família que enterrara os umbigos dos filhos naquelas terras. O Junco agora recebe o corpo do filho que, depois de tantos anos distante, sente-se sem condições de continuar vivendo e escolhe morrer no lugar em que nascera.

Para Andrade, a realidade dessa personagem de Torres é tumultuada e confusa, já que no romance, o homem

[...] entra em choque dentro do âmbito mais restrito de sua própria família, tenta lutar contra o tipo de vida que a sociedade lhe impõe, insurge-se contra a natureza que o cerca, percebe a ausência de sentido para a vida humana em geral e para sua existência em particular, rebelando-se, em última instância, contra o próprio Deus. (ANDRADE, 1981: 64)

Emile Durkheim, no livro *O suicídio* (2004), disserta cientificamente sobre as motivações que levam o indivíduo ao suicídio e defende que o suicídio resulta de uma causa social. Segundo ele cada sociedade tem em sua história um conjunto de indivíduos dispostos ao suicídio e que precisam ser considerados não apenas por ocorrências de natureza psicológicas e físicas, mas também sociais geradas coletivamente (DURKHEIM, 2004: 14). Durkheim chama a atenção para o tratamento do suicídio que, de acordo com sua teoria, deve ser encarado como uma outra morte qualquer, já que “resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que ela produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2004:14). Dessa forma, Durkheim explica o ato de tirar a própria vida como um fator social e das relações entre indivíduos e sociedade.

Desse modo, Nelo não representa o conflito de um sujeito migrante em particular, mas de um coletivo de indivíduos de sujeitos diante do processo migratório. Contínuos mundos a oferecer novos modos de vida, novos hábitos, nova linguagem e novas dificuldades e necessidades de enfrentamento. Torres apresenta-nos por meio da ficção, um homem com identidade empobrecida e um tanto fragmentada, comprimido entre o desejo de viver e as exigências que a “peça da vida real” prega

para que esse desejo seja concretizado. O desejo e o medo de viver se misturam e o suicídio cometido por Nelo revela um comportamento emitido para remover consequências aversivas presentes na vida do indivíduo, caracterizando-se como uma fuga. Segundo Dalcastagnè (2003), seguir adiante, fugir de si mesmo, agora sem identidade definida, pois esta foi sendo perdida e ou reconstruída na travessia por lugares distintos onde o outro não é mais projeção, é estranhar-se a si. Dessa forma, o medo é resultado da frustrada trajetória, antes imaginada proficuamente.

Nelo traz à tona o paradoxo de um herói que, ao contrário do que postula a tradição, fracassou. Nelo não representa o herói que, na literatura brasileira, eclodiu na figura do índio, representado em *Iracema* de José de Alencar, por exemplo, cuja heroína é um ser mítico, pleno de virtudes. Muito menos representa a evolução desse herói sertanejo, como o “antes de tudo um forte” de Euclides da Cunha, nem o bicho bruto capaz de vencer os “perrengues da vida”, “um cabra”, em Graciliano. O sertanejo, que não para diante dos problemas que assolam seu caminho, pois é um “forte”, dando continuidade ao estereótipo de herói que carrega em si qualidades de resistência e persistência, o sertanejo, enfim, que encontra esperança nas situações terminais, como Severino ao chegar em Recife, não deixa de ser uma modelização de herói nacional. Nelo, não; menos ainda o narrador de sua epopeia infame. Nesta narrativa, tanto o narrador quanto o herói narrado em *Essa terra*, encarnam o fracasso, de fora para dentro, e reconhecem a própria derrota, de dentro para fora, um saltando fora da vida o outro repetindo o salto para longe.

Filho de família simples que luta pela sobrevivência no sertão da Bahia, de pais que sequer têm os nomes mencionados nas narrativas, desde criança Nelo dá sinais de grande inteligência, o que dissemina pelos arredores os signos de sucesso que fazem vislumbrar nele um futuro grandioso, que não acontece.

A façanha de dar o nó na gravata de seu avô materno é compensada por uma moeda e um elogio: “Menino danado de sabido. Tu vais ser gente na vida, meu fio”. (TORRES, 2018: 41). São várias as circunstâncias em que a admiração por Nelo se faz presente a exemplo de uma discussão sobre a decisão da mãe de ir embora e o filho, ainda pequeno a convence a ficar, aconselhando-a como se fosse “gente grande” e ela após a decisão indaga “um bacurinho desses, que nem saiu dos cueiros, pode saber tanta coisa?”. (TORRES, 2018: 81). O pai, impressionado com a inteligência do filho chega a acreditar que ele possa ter “partes como-que-diga” e que já deve até saber que não nasceu pela boca de uma mulher, como havia tentado que ele acreditasse” (TORRES, 2018: 81). Nelo atua ainda como pregador, como aquele que domina a oratória, o que também é motivação para admirá-lo. Esse encantamento pode ser visto repetição dos versos: “Não chores, meu filho; não chores que a vida é luta re-

nhida: Viver é lutar” (TORRES, 2018: 153) os quais Nelo costumava declamar, pela mãe durante viagem juntamente com Totonhim rumo ao hospital em Alagoinhas.

A partida para São Paulo, é o maior e mais importante símbolo de heroísmo daquele sujeito, uma vez que a façanha era a vontade da maioria dos moradores do Junco. Iniciava-se naquele momento uma “nova era”, na qual o sonho de melhorar de vida saindo do interior começava a tornar-se realidade, mais que um deslocar-se de corpo, a viagem de Nelo representava como a insatisfação pelo lugar de origem forçava a busca por novos e também ilusórios caminhos. Para Gancho, o herói é aquela personagem com “características superiores às de seu grupo” (GANCHO, 2004: 14). Ao contrário desse posicionamento, o fracasso de Nelo no retorno ao Junco decepciona o lugar, e a admiração que aquele povo alimentava por ele acaba consequentemente.

No retorno do migrante constatam-se mudanças nas relações familiares, diligenciadas muitas vezes pelo rompimento e/ou manutenção de padrões mais conservadores, dificuldades de diálogos já que, as memórias trazidas são, em alguns casos nostálgicas, os parentes que ficam romantizam e idealizam a vida do migrante e quando sobressaem as experiências negativas, todos frustram. Com a personagem do romance *Essa Terra* não foi diferente, as expectativas em relação aos familiares e ao Junco eram altas, todos desejosos pelo seu retorno. Porém, o encontro com a realidade e a rotina da família pode ser gerador de conflito e desconforto consigo mesmo, no qual cobranças mútuas e distanciamento afetivo podem fazer parte desse novo ambiente. Nelo, ainda exemplifica um membro familiar que contribuía financeiramente para o sustento da família que permanecera na cidade natal e, deixar de fazer isso, juntamente com o retorno sem sinais de promoção, perde inclusive o status que um dia tivera entre familiares, parentes e conhecidos.

O silêncio de Nelo também sussurra as inúmeras formas de morte e vida ocultadas nas arestas da migração. Morrem-se os costumes, as amizades, a linguagem, as crenças que se depositavam na terra natal, morre o sentimento de pertencimento, o vínculo com a cultura local e mesmo que o migrante um dia retorne, este não mais será o mesmo depois de experiências em outros lugares, assim como o lugar de origem também sofrera transformações. O sujeito que migra fica vulnerável a ser estrangeiro em terras alheias e na terra de origem. Nelo levanta uma reflexão sobre um migrante que, ao deixar sua casa, o lugar que nasceu, sua família e sua identidade para trás, rende-se à cidade grande e nela se perde, desenraiza-se (Weil, 1979: 347) ao mesmo tempo que não tem mais participação real, ativa e natural na rotina daquela coletividade que espera ser acolhedora e se dá por derrotado, liquidado.

A morte no romance desnuda um processo migratório malsucedido, em que a personagem não consegue resistir aos contratempos causados por esse processo e decide livrar-se deles de maneira definitiva, a morte. Sobre lidar com essas situações da contemporaneidade, Norbert Elias (1994: 19) discute que a adequação e adaptação do sujeito no meio “civilizado” relaciona-se diretamente com a aquisição de autocontrole, condição imperativa para a sobrevivência de um ser humano nesse tempo. Desprovido desse autocontrole, o indivíduo torna-se refém de seus altos e baixos, de seus próprios desejos, paixões e emoções que buscam satisfação imediata e causa dor e sofrimento quando não saciados. Ainda de acordo com Elias, (1994), sem que tenha aprendido a autorregular-se, o ser humano não está em condição de adiar a satisfação de seus desejos, tampouco mudar o direcionamento da procura destes. Assim sendo,

Beber, comer, amar, amar, dormir, sonhar, ouvir diversas músicas, ver um filme, uma peça de teatro, ler um livro, curtir tudo o que há de maravilhoso na natureza, o dia e a noite, as mudanças de estação, o sol e a lua, a chuva – quer dizer, desde que não esteja no meio da rua -, a beleza do mar, o ar da montanha, a solidão da planície, uma paisagem à beira de um rio, os pássaros cantando, os bois nos pastos, as luzes das cidades, um papo no bar num fim de tarde, colegas de trabalho, gente, pessoas, coisas e animais, a volta pra casa, mulher, filhos e amigos, encontros fortuitos, lenços perfumados, lugares e países de sonho por conhecer, as descobertas e emoções de um novo dia, bem, já disse um filósofo: nada disso tem a menor importância no momento em que um homem decide que não vale a pena viver. (TORRES, 2015, 114)

Para Montaigne, a vida movimenta-se para a morte e esta, sem perder a oportunidade, se debruça sobre a vida. Seria algo como tocar a mão e o rosto da morte, abraçá-la e “aprender a sofrer o que não se pode evitar” (MONTAIGNE, 2010, 545). O suicídio da personagem, de acordo com a nossa compreensão, não está relacionado apenas à questão da morte, mesmo sendo esta, a representação fatalmente infeliz de não viver situações indesejadas pelo indivíduo.

Torres direciona a escrita da narrativa dessa obra de modo a nos fazer enxergar mais profundamente a realidade dos excluídos, reconhecendo-os enquanto sujeitos e pacientes de um drama histórico e traz a migração enquanto um fenômeno universal, assim como o desenvolvimento desigual dos lugares. Segundo Chaves,

[...] para a ruína atual são, portanto, apontadas explicações novas, diversas das expressas na literatura do passado e baseadas na compreensão moderna da existência de uma espécie de colonialismo interno, em função do qual o sertão se tornou um território explorado e pauperizado pela região centro-sul, verdadeiro núcleo do Es-

tado nacional. (CHAVES, 2008: 3).

Nesse sentido, a narrativa do *Essa Terra* redesenha as discussões e os conceitos que justificam a migração, passando a considerar as situações, as condições e contextos nos quais ela ocorre. Migrar deixa de ser destino e/ou fado e passa a ser uma alternativa, porem agenciada por forças maiores. Ademais, migrar envolve mover, deslocar-se de um lugar ao outro e implica, necessariamente, o contato com o diverso, pertencer a uma cultura, a uma forma de ver o mundo e passar a coexistir com outra, a partir do deslocamento geográfico. A ação de migrar apresentada na obra de Torres é influenciada ainda por realidades ilusórias, transmitidas pelo sistema como um todo que desenha na mente do sujeito propenso à migração um sentimento utópico que desconsidera os contratempos a serem enfrentados em terras estrangeiras.

O desafio da viagem, do desenraizamento, da diáspora, da perda de valores universalizados na trama narrada expõe a feição particular que este assume em território brasileiro, na trajetória sertão/metrópole, como uma viagem de ida e volta, não só em termos concretos, no deslocamento dos corpos e das vivências, mas na transição de valores, comportamentos, imaginários e condições de vida.

(...) um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e diferente de casimira, seus *raybans*, seu rádio de pilha/faladorzinho como um corno, e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens. (TORRES, 1976: 14)

Como se vê, Nelo é o mais consistente produto do fenômeno migratório. A trama da narrativa ao apresentá-lo como “filho pródigo”, fracassado na cidade grande, desencadeia outras partidas e retiradas, a exemplo da mãe, que debanda com os filhos para Feira de Santana, a fim de colocá-los na escola, e o resultado é igualmente infrutífero e frustrante; o pai que, apesar de relutar em abandonar suas terras, se vê obrigado a migrar visto que a perda da roça (sua referência, sua própria identidade), tomada pelo irmão para que o banco (símbolo do capitalismo que se instala nos sertões mais esquecidos) não a confiscasse, vem a concretizar o sentido de desenraizamento, deslocamento e migração. O pensamento de Deleuze e Guattari (DELEUZE & GUATTARI, 1999: 83) vê o nômade como “[...] o homem da terra, também, como o homem da desterritorialização – ainda que ele seja aquele que não se move, que permanece agarrado ao meio, deserto ou estepê”. Em *Essa Terra*, o pai de família é sequestrado pelo “seu” território, ele tem uma relação de grande afetividade com o

lugar de origem, onde poderia ficar para sempre, mas, por questões políticas e econômicas, entre outras razões, se vê obrigado a partir. Daí, vivenciará o drama de não conseguir viver nas próprias terras, já que as razões para as deixar são imperativas e também fora delas. Esse mesmo sentimento também se processa em Nelo.

Assim também acontece com outras personagens da narrativa, como as irmãs de Nelo que, ao perceberem a falta de oportunidades, o atraso cultural e o trabalho pesado da roça, são impulsionadas por uma necessidade de mudar o modo de vida. Preferem aventurar-se pelo mundo desconhecido e imprevisível a permanecerem num lugar que consideram provinciano e que pouco ou nada tem a lhes oferecer. Ao se dar conta do estado de carência material em que vivem, passam a questionar seu modo de vida e a maldizer o trabalho que executam na roça para ajudar a família:

- Passar a vida na mão de pilão
- passar a vida com um pote na cabeça
- passar a vida raspando mandioca
- passar a vida arrancando feijão.
- [...]
- Digam a papai que roça é uma porra, (TORRES, 2018: 155; 162).

Os problemas familiares, a relação com a identidade nordestina, o espaço, se completam com a decisão do personagem narrador Totonhim, o qual, no final da narrativa resolve migrar para São Paulo, mesmo tendo acompanhado infortúnio da experiência diaspórica do irmão e ainda que tenha a convicção e a certeza de que o ato migratório não lhes garantiria o lugar seguro e feliz que tanto procurava. Nesse sentido, o Junco seria, na visão de alguns habitantes, um lugar sem atrativos, que não proporcionava aos seus moradores a oportunidade de melhoria de vida e, dessa forma, afasta-os para longe, e eles não veem outra escolha senão partirem.

- Saiba de uma coisa, papai: Eu vou embora
- Para onde?
- [...] Para São Paulo.
- [...] Você faz bem-disse. Siga o exemplo... abaixou a cabeça, sem completar o que ia dizer. (TORRES, 2018: 168).

Dessa forma se estabelece o ciclo de partidas da narrativa, que ocorre sempre acompanhado de um sentimento de utopia, de uma falsa esperança (pela grande cidade), promovida pela falta de perspectiva proporcionada pela escassez do lugar. Totonhim, como diz Queiroz, “[...] teve um súbito desejo de migrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem

sangue” (QUEIROZ, 1987: 46).

Considerações finais

Essa discussão que buscamos fazer é parte de uma pesquisa em construção a qual analisa as interferências de processos migratórios na vida dos sujeitos em textos de Antônio Torres. O drama da partida para um possível definitivo fim, movida por força ou em nome de forças erradas, de mal firmados fins, a narrativa do desenraizamento compulsório, a silenciosa diáspora de uma coletividade, a dissipação de valores e referências de pertencimento dão certa universalidade, lamentável, à obra *Essa Terra*, pondo em relevo a feição particular que este assume em território brasileiro. A narrativa de Torres perfaz a trajetória sertão/metrópole, os dois mais dilatados extremos *rural/urbano* ainda efetivos na contemporaneidade brasileira. Neste sentido, os deslocamentos que sua narrativa relata, perscruta, demonstra percorrem uma distância maior (ou mais profunda) do que a que separa o interior da capital, a cidade pequena da cidade grande. Entre o sertão e a metrópole contemporâneos, seus personagens cumprem essa trajetória como uma viagem de ida e volta, realizada não só em termos concretos, no deslocamento dos corpos e das vivências, mas na transição de valores, comportamentos, imaginários, referências de vida. Por meio da narrativa do *Essa Terra*, o autor universaliza os dramas de personagens usando como elemento de inclusão social a própria fuga nas suas mais diversas manifestações (morte/suicídio, mudança de cidade, alcoolismo, loucura, busca por um marido, isolamento, exílio na própria casa, dentre outras), os sentimentos que a permeia e as consequências disso no íntimo do indivíduo.

O que temos observado é o quanto a migração repercute na vida dos que se retiram de seus lugares de pertencimento movidos por necessidades e anseios materiais vão além de travessias geográficas e da transposição das condições econômicas e sociais que separam o território de partida e o de chegada. Considerando que o sentido de pertencimento e o sentimento de inadequação levam a adaptações forçadas dos sujeitos submetidos às pressões materiais e simbólicas da migração, os referenciais de partida e de chegada podem inverter-se, confundir-se, anular-se, com o que tais processos interferem profundamente na formação identitária dos sujeitos, fazendo com que estes cheguem muitas vezes a situações de descontrole. A morte por suicídio na ficção de Antônio Torres reverbera muitas dessas situações e não simboliza, especificamente o fim da vida, mas o rompimento de costumes, de valores, de vínculos familiares e sentimento de pertença. As partidas e dos retornos com que o *Além* momentaneamente derrota os *aquéns* que subsistem, a obra de

Torres reverbera o desejo de personagens de fugir de diferentes realidades, cada um à sua maneira, porém uma das metamorfoses com que a fuga se reitera na obra é o suicídio, alternativa que se insinua de forma sutil e continuada e que está sempre à disposição como uma forma de fuga dos dramas humanos.

Referências

ANDRADE, G. M. *O mítico e o trágico em Essa Terra*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981. In: Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam et al. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CANDIDO, Antônio. [et al.]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CHAVES, V. P. *Um novo sertão na literatura brasileira: Essa terra*, de Antônio Torres. Lisboa. 2008. Disponível em: <http://www.antoniotorres.com.br>. Acesso em 20/04/2019.

DALCASTAGNÈ, R. *Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 21, p 33-53, jan.-jun. 2003.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Organizado por Michael Schoter; tradução, Vera Ribeiro, revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOURA, Hélio A. *A migração nordestina em período recente*. Caderno de Estudos Sociais, vol 15. Editora Massangana, 1999.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 23ª. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

MONTAIGNE, Michel de, 1533-1592. *Os ensaios: uma seleção / Michel de Montaigne*; organização M. A. Screech; tradução Rosa Freire d'Aguiar. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 36. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1987

REGO, J. L. do. *Fogo morto*. São Paulo: Klick editora, 1998.

TORRES, Antônio. *Essa terra*. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

WEIL, Simone. *O desenraizamento*. In: BOSI, Ecléa (org.). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 345-372.

Site do autor: <<http://www.antoniotorres.com.br>. Acesso em 17/10/218

Artigo recebido em 29/09/2019, aprovado em 14/11/2019.